

6º Domingo depois da Epifania

1ª leitura (Antigo Testamento) - 2 Reis 5:1-15.

O relato simbólico da cura do comandante do exército sírio Naamã (2 Rs 5: 1-19) se dá no contexto da invasão Síria em Israel comandada pelo Rei Ben-Hadade contra o rei Acabe (1 Rs 20:1 e 2 Rs 6:24). No começo do ciclo de Elias e Eliseu se relata que Acabe, tendo vencido os invasores sírios, faz uma aliança em troca de favores comerciais (1 Rs 20:34) o que suscita a crítica dos profetas (1 Rs 20:42).

No final do ciclo de Eliseu encontramos, além do texto desse domingo, alguns outros fragmentos relacionados com esta guerra (2 Rs 6:8): O profeta que salva várias vezes a vida do rei de Israel e é perseguido pelo rei da Síria (2 Rs 6:10,13); os soldados sírios fogem de quatro leprosos de Israel (2 Rs 7:6-15); o povo saqueia o depósito dos sírios saciando sua fome (2 Rs 7:16-20).

A intenção da ação profética em todas estas histórias é mostrar que a confiança do povo não pode estar num rei disposto a traí-los por vantagens comerciais. Deve-se confiar no poder de Deus que se coloca do lado do povo pobre e faminto. Deus promove uma inversão de poder e pode vencer os inimigos através de um pequeno e barrento rio (2 Rs 5:10-12), de um único profeta perseguido (6:18) ou de quatro leprosos (2 Rs 7:3).

A simbologia do relato da cura do comandante sírio Naamã não é diferente. Ele é um herói de guerra (5:1) e Naamã tinha uma menina israelita como escrava na sua casa (5:2). Portanto Naamã representa muito bem os invasores sírios. Mas o poder do Deus de Israel vem através da escrava que anuncia seu Deus teria poder de curar maior do que todos os poderes do grande comandante Naamã (5:3). Naamã se dirige ao rei de Israel, isto é, ao mais poderoso de Israel, mas poder está com o profeta popular Eliseu e não na sua casa real (2 Rs 5:7). Finalmente o profeta indica a cura se lavando nas águas barrentas do Jordão e não as águas dos belos rios da Síria (5:10-14). O poder esta no rio Jordão e não em nenhum dos belos rios da Síria. Naamã é derrotado como representante do poder divino da Síria admitindo que só existe um Deus verdadeiro em Israel! (2 Rs 5:15). Deve se tomar cuidado na interpretação deste último versículo pois Naamã admite não há outro Deus é fora de Israel. Assim a derrota dos sírios é completa com a derrota do seu deus Rimom (2 Rs 5:17-18). Assim o profeta transmite sua crítica ao rei de Israel que derrotando o rei da Síria foi derrotado ao renunciar à dignidade da sua terra e da fé do seu povo; firmando o acordo.

A cura do leproso do Evangelho (Mc 1: 40) apresenta uma simbologia inversa. O leproso era que não tinha poder nenhum ao ponto que Jesus se compadeceu dele. Ao ser curado ele ganha poder e passa a anunciar a notícia de Jesus (Mc 1:45). Naamã era poderoso, mas teve que admitir o poder maior de Deus, do seu povo e da sua terra. (HMG).

2ª leitura (Epístola) - I Coríntios 9.24-27

O recorte de hoje é continuação da leitura do domingo passado. A exortação, o aviso fraterno por meio da metáfora esportiva é dirigido aos que se consideram fortes e sábios, detentores de conhecimento, tudo é permitido. Sem dúvida, era uma metáfora conhecida no império, principalmente, em Corinto. Corram fixos no alvo, isto é, não corram sem rumo e tenham autocontrole. Trata-se da aplicação da liberdade, na profunda dependência de Cristo, a liberdade que respeita e ama a outrem, principalmente, o fraco, ou Cristo no outro.

Essa exortação eqüivale ao que o apóstolo disse aos filipenses: desenvolvi a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade. (2.12-13; ver, também, 4.13; 1.6). Em outras palavras, quem foi libertado não pode viver relaxado. É uma corrida. E aqui facilmente pode cair na metáfora da competição. É preciso dar atenção para não sabem vocês, isto é, vocês sabem que não basta apenas entrar no estádio, não se ganha automaticamente o prêmio, porque só um vai ganhar. Então a metáfora da competição é um tanto quebrada e liga-se com o co-participantes, cooperadores, no verso 23. A ênfase recai na corrida com rumo e autocontrole. Retomando o texto de Filipenses, a libertação é feita por Deus, mas é preciso assumir a salvação com "temor e tremor", frase que indica a presença de Deus. E o próprio correr, seguimento, discipulado está em função do Evangelho libertador. Não se corre sem saber para onde. E ao recorrer à metáfora do pugilato (vs. 26), o apóstolo passa-a por uma peneira. O oposto do golpear o ar não é abater o outro, mas dominar-se a si mesmo. Nisto não se trata de flagelar o corpo pecaminoso, ascetismo extremado. O corpo é a pessoa como um todo em sua socialidade. Paulo se desgasta com seu ministério como quem foi conquistado por Cristo, (ver FP 3.12ss.). Enfim, a libertação em Cristo tem sua auto-disciplina correspondente. A disciplina tem de estar em função de algo maior, a serviço da liberdade do Evangelho. (ST)

Santo Evangelho – Marcos 1, 40-45

O v39 reabre a atividade de Jesus "pelas sinagogas da Galiléia, proclamando a Palavra e expulsando demônios". É nesse contexto que se dá o encontro com o leproso. Por isso, o texto tem o aspecto de ser paradigmático, como que resume o que acontece ao longo da caminhada.

A questão central é a mesma: "purificar" (1, 21-28), romper com o sistema "pureza-impureza", base de discriminação e exclusão. Leprosos deviam manter-se segregados da convivência social. "Lepra" designava uma variedade de enfermidades de pele. Assimilava-se o "leproso" ao cadáver, a "lepra" contaminava como a morte (Lv 13-14). Por isso, surpreende a iniciativa do leproso de aproximar-se de Jesus. É já um sinal de ruptura com as imposições excludentes do sistema sócio-cultural. Toda a ênfase é posta no querer e no poder de Jesus, como se dá com Deus.

Há uma hesitação na tradição manuscrita. Alguns textos falam da ira, outros da misericórdia (v41). Ambos os termos, porém, levam na mesma direção: a solidariedade com o "impuro" faz Jesus irar-se por causa da marginalização a que é submetido; a misericórdia indica a identificação com ele. Era proibido tocar o enfermo, mas Jesus faz questão de "transgredir" a lei

e une Seu corpo são ao do homem marginalizado. E em vez de contaminação, é o "leproso" quem se "purifica".

Jesus o manda embora, "ameaçando-o severamente". O texto transmite a sensação de certo nervosismo e irritação. A ordem é não dizer nada a ninguém. É certo que quem se aproxima de Jesus não pode não falar da experiência transformadora de sua vida (v45). Mas nunca será suficiente ouvir dizer, será preciso experimentar. Além disso, falar de Jesus como profeta poderoso, proclamá-Lo como Messias podia levar a equívocos, como se vê entre os próprios discípulos (Mc 8, 32-38). E podia até contribuir para desencadear a perseguição (v. 45).

Aos sacerdotes cabia examinar o enfermo e reconhecer a cura para a reintegração no convívio social. Jesus o envia ao templo. Mas não como gesto de submissão à lei, pois toda esta seção do evangelho (1, 14-3, 6) é polarizada pela transgressão e o conflito com o sistema. O sentido da frase no contexto é o seguinte: "Vai mostrar-te ao sacerdote (...) em testemunho contra eles" (v44). Por isso, em vez de ir ao sacerdote, o homem assume "proclamar a Palavra". É evidente que o conteúdo da "palavra" é o acontecimento de transformação de sua vida. O Evangelho é isto: falar do que nos tem acontecido e nos tem mudado a vida (Mc 14, 9).

O povo já não segue em peregrinação ao templo de Jerusalém para oferecer sacrifícios pela purificação (v44). Ao contrário, sai das cidades e vai ao deserto, em direção a Jesus: Seu corpo é o novo templo. E sua situação é descrita como se fora "leproso" ("fora, em lugares desertos"). Ao solidarizar-se com os marginalizados, vai assumindo no próprio corpo a condição de marginalização, e a perseguição se acelera. Aliás, todos os evangelhos guardam memória de um período de isolamento e clandestinidade na vida de Jesus (Mc 8, 27-30; Lc 9, 51-56; 13, 31-33; Jo 6, 66-71). Assim, Ele exercitava Seu corpo (seu ser concreto) como bom "atleta" para o combate decisivo contra os poderes das trevas. (SAGS)